

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 119 — Domingo, 18 de Setembro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias - Preço 4800

AVENÇA

O PROBLEMA TURÍSTICO DO ALGARVE

Sem hotéis não há turismo sem dinheiro não há hotéis

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONIÉ

II

COMO já nos referimos anteriormente e, pode-se dizer, tal facto constitui lugar comum, para fomentar o turismo no Algarve é preciso, em primeiro lugar, conseguir a instalação de hotéis e restaurantes de 1.ª e 2.ª categorias, nas principais praias, e hotéis de 2.ª categoria e pensões de 1.ª categoria nas restantes praias e nos locais escolhidos para repouso.

E isto é assim, porque se o Algarve tem todas as outras condições para atrair os turistas, a começar no clima, passando pelas fáceis vias de comunicação desta província, pelas belezas naturais e costumes pitorescos, de todos conhecidos, verifica-se que, logo que há uma afluência maior de turistas, quer seja durante a época balnear, quer seja na quadra festiva do carnaval ou no período das amendoeiras floridas, os hotéis e pensões existentes enchem-se, e às vezes há que procurar alojamento em locais que não reúnem o mínimo de conforto, donde resulta um desprestígio para o bom nome turístico do nosso Algarve.

O jornalista Guerra Maio, espírito culto e viajado, que conhece bem o problema do Turismo internacional, disse no ano ano fin-

Secretário da Câmara DE ALCOUTIM

Foi nomeado chefe da secretaria da Câmara Municipal de Alcoutim o sr. Manuel da Cruz Azevedo, terceiro oficial da secretaria da Junta de Província de Estremadura.

A QUESTÃO DO TRÂNSITO nas ruas da nossa terra

OUVINDO ALGUNS ENTENDIDOS

JÁ de há tempos nos constava que as condições do trânsito, nas ruas da nossa vila não eram aquelas que o aumento cada vez mais intenso do tráfego indicava que se estabelecessem, para assegurar, dum lado, a forma mais prática de escoamento de veículos pelas artérias da vila, sem indisciplina fatora de acidentes, e por outro lado, a integridade dos pedões, que pode ser posta em risco pela falta de me-

didias adequadas que normalizem devidamente o tráfego de viaturas dentro e fora de Vila Real.

Alguns desastres ocorridos nestes últimos tempos, todos sem consequências sérias, felizmente, sugeriram-nos a conveniência de ouvirmos a opinião de algumas pessoas em condições de pronunciar-se acerca deste problema local, com conhecimento de causa e saber feito de experiência, em matéria de automobilismo e regulamentação do trânsito urbano.

Iniciámos, portanto, o nosso inquérito procurando, no seu escritório, o industrial sr. Artur da Rosa Botequilha, nosso prezado amigo e assinante, pessoa que ao

(COROLUI NA 4.ª PAGINA)

Almirante GUERREIRO DE BRITO

Assumi o alto cargo de Comandante Geral da Armada o nosso ilustre comprouviciano e prezado assinante sr. almirante José Augusto Guerreiro de Brito, que desempenhará aquelas funções cumulativamente com as de Chefe do Estado Maior Naval, que já exercia.

Oficial distintíssimo, com uma folha de serviços brilhante, grande parte deles prestados nas províncias ultramarinas, ainda recentemente, a convite da N. A. T. O., realizou, no Colégio de Paris, uma conferência para um auditório constituído por generais e almirantes de catorze países signatários do Pacto do Atlântico, onde teve ensejo de evidenciar, uma vez mais, as suas altas qualidades de inteligência e os seus vastos conhecimentos de estratégia naval moderna, que o creditam como um dos mais autorizados técnicos internacionais nessa matéria.

O «Notícias do Algarve» apresenta ao sr. almirante Guerreiro de Brito, pela sua ascensão ao alto cargo da Armada, sinceros cumprimentos de felicitações.

A COMEMORAÇÃO DO XXX ANIVERSÁRIO do Grupo Escutista desta vila



A Mesa que presidiu à Sessão Solene comemorativa do 30.º Aniversário do Grupo n.º 60 — (Foto W. Karl)

(COROLUI NA 4.ª PAGINA)

FRAGMENTOS DE VIDAS

Por NATÉRCIA ALGARVE

FALAR sobre a felicidade ou a infelicidade de uma vida tem algo de emotivo, de profundo e sentimental.

A vida de alguém, não importa classes, só importa que saiba sentir, traz sempre à superfície um dédalo de cenas vividas e, a maioria das vezes, bastante dramáticas.

Se analisarmos, pacientemente, algumas das vidas que conhecemos, das vidas que se cruzam conosco no dia a dia, temos de concordar, unânimemente, que todas, mais ou menos,

têm o seu drama, a sua comédia, a sua tragédia...

Da minha vida, por exemplo, que dizer?

Ela está por aí dispersa, espalhada, nos meus pobres versos, na minha desvalorizada prosa...

São retalhos que jamais se poderão unir!

Do meu sentir, daquilo que a vida nos dá ou nos rouba, é pertença minha, humanamente minha...

O desabar de um sonho, a compreensão nitida de que a realidade da vida só muito raramente tem ligação com a fantasia, é sempre marca indelével que retrai e desanima.

Por isso digo, e repito: como é bom sonhar!...

Todos, em geral, arquitetam e esperam da vida o

(COROLUI NA 3.ª PAGINA)

E SE A "SENHORA" COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

FIZESSE ALGUMA COISA?

SIM, e se a senhora Comissão Municipal de Turismo fizesse alguma coisa? Apetece fazer esta pergunta. E fazemo-la, porque há efectivamente um organismo rotulado com essa designação e porque o dito organismo dá-nos um ar da sua graça na liquidação das despesas de hotel ou pensões. E, é claro, não se compreendia que uma zona de turismo de 1.ª classe não estivesse pospositamente tutelada por uma entidade tão zeladora e diligente como costuma ser uma Comissão de Turismo. Porque a verdade é que um organismo deste género tem funções de muita responsabilidade. E, grosso modo, uma es-

pecie de elo diplomático de ligação entre a zona da sua jurisdição e aqueles que nos visitam. E, além disso, a encarregada de cuidar e fomentar o progresso do turismo, procurando estar a par do que se faz lá fora e adaptando às circunstâncias tudo aquilo que favoreça a região de que é fiel zeladora. Compete-lhe ainda saber receber com afabilidade e cortesia os que nos visitam, nacionais ou estrangeiros, deixando-lhes a impressão de que estacionaram entre gente boa e em ambiente convidativo. Neste particular, podemos estar descansados, porque os membros da Comissão são naturalmente pessoas afáveis e corteses. O mesmo já não podemos dizer quanto a capacidade de iniciativa. Será sua a culpa? Não sabemos! O que sabemos, sim, é que não passamos da cepa torta. E parece-nos que já é tempo de endireitar a cepa.

Há hoje, como todos sabem, uma corrente turística que vive autónoma de hotéis e pensões. São milhares de pessoas que se deslocam, umas em caminho de ferro com a «casa» às costas, outras em motocicletas ou em automóveis com as suas «roulottes». Gente saturada do ambiente das grandes cidades — cada vez mais odusas à conservação e tranqüilidade do bicho-homem — que procura desintoxicar-se e repousar no convívio bucólico e salubre da Natureza. A falta de melhor, chegam a armar as

OITO PESCADORES ALGARVIOS MORRERAM NO NAUFRÁGIO DE "GRAÇAS DE DEUS"

É ARRISCADA e ingrata a vida dos pescadores. O mar, de vez em quando, exige aos que lhe devassam as entranhas um pesado tributo de sangue. Desta vez, foi trágicamente exigente na sua cobrança odiosa — dezasseis vidas arrastadas para o abismo.

Entre as vítimas da tragédia da «Graças de Deus», figuram oito nossos comprouvicianos — gente de Vila do Bispo, Quarteira, Lagos e Olhão — que tinham ido tentar a vida longe da sua província, em mares mais procelosos que o nosso.

Toda a classe piscatória compartilha da desolação que aflige viúva e órfãos, e lamenta a perda dos seus desgraçados camaradas.

Nós, que vivemos do mar

Dr. FERNANDES LOPES

Terminou as suas férias, tendo já regressado a Olhão, onde retornou a clínica, o nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, ilustre e dedicado colaborador deste jornal.



Os Escuteiros de Lisboa, à sua chegada a Vila Real de Santo António, desfilam com destino ao acampamento — (Foto G. Macedo)

e à beira do mar, sentimos quão duro foi o golpe que atingiu a prestável e laboriosa classe marítima, e associamo-nos à sua mágoa, lamentando profundamente a tragédia que enlutou tantos lares.

Eng. SEBASTIÃO RAMIREZ

Encontra-se a passar o Verão na Quinta de Cima, em Caela, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Isabel Roldán de Ramirez, o nosso ilustre conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. eng. Sebastião Garcia Ramirez, deputado pelo Algarve e antigo ministro.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Um poema, ou quase

Meu coração está sereno. Sei que para coroar serenos corações é que os poetas inventaram as rosas.

Meu coração está sereno. Sei que as aves aos serenos corações é que pedem suporte de seus ninhos.

Meu coração está sereno. Sei que para eternizar serenos corações é que o povo inventou o mármore.

Verdade com molho de sorrisos

Parece ainda haver pessoas, por esse mundo fora, que desejam a eclosão de uma nova guerra. A grande maioria prefere, no entanto, tratar dos seus interesses no ambiente próprio, isto é, a paz. E como é lógico que a vontade da maioria prevaleça, acho eu que estão de parabéns os colecionadores de hecatombes. Sim, de parabéns. Poder-se-ão dedicar a tarefas mais saudáveis e mais inofensivas. Poderão, por exemplo, colecionar selos ou cachimbos.

Pessoal

Não sei se conhecem aquela história de Fialho de Almeida, aquela menina que se alimentava com pétalas de rosa. É muito romântico, não é? Posso dizer-vos que eu também, às vezes, gostaria de sactar a minha fome, não em pétalas de rosa mas no perfume delas. As vezes. Outras (não muitas) por exemplo, ontem, a minha fome é mais carnívora, menos romantismo «fin de siècle».

Estavam os pedreiros a comer
(COROLUI NA 2.ª PAGINA)

POUSADA de S. Brás de Alportel

Por despacho do sr. subsecretário das Obras Públicas, foi aprovado o contrato celebrado com o sr. Raimundo José Maria, para execução da empreitada de obras de ampliação (2.ª fase) da Pousada de S. Brás de Alportel, no valor de 200 contos.

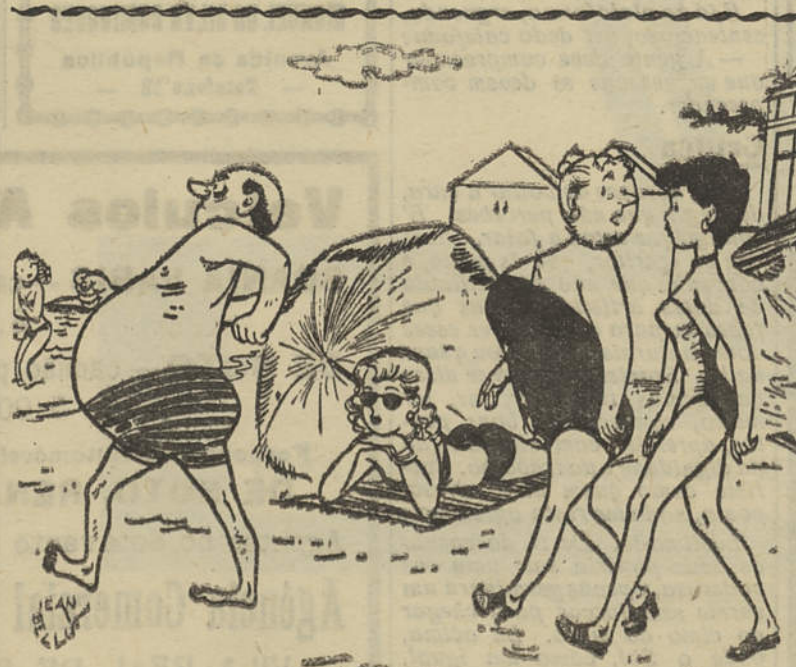
COMANDANTE-GERAL DA GUARDA FISCAL

Na passada quarta-feira, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o ilustre comandante-geral interino da Guarda Fiscal, sr. coronel José Maria Ematis Leite Ribeiro.

O distinto visitante, que também esteve na Praia de Monte Gordo, foi aqui recebido e cumprimentado pelo sr. tenente João Miguel, comandante de Secção da 4.ª Companhia da G. F., na ausência do sr. capitão Pacheco, por motivo de licença.

POSTO ESCOLAR DE MONTINHOS

Foi criado um posto escolar misto no lugar de Montinhos (Lagos).



— Repara como o teu pai enche o peito de ar, sempre que passa diante dessa loira...

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve alguns dias em Lisboa, onde já regressou, o nosso estimado amigo sr. Luis A. Cardoso de Figueiredo, prestigioso comandante dos Bombeiros Voluntários desta vila.

Regressou da sua viagem, pelo País e Norte de Espanha, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Manuel Bravo, que já se encontra na sua Quinta das Cevadeiras, em Cacela.

Encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, o nosso prezado amigo e assinante sr. Alvaro Campero Munhoz, estudante em Lisboa.

Retirou para Lisboa, onde reside, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Américo Salas Ribeiro, que esteve na nossa Redacção, onde tivemos o prazer de o cumprimentar.

Vimos nesta vila, em gozo de férias, o nosso estimado amigo sr. António Sebastião Martins, oficial de justiça em Lisboa.

Encontra-se a passar algum tempo na nossa vila, em gozo de férias, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Francisco Pereira Salles, há muitos anos residente em Newark (E. U. A.)

Encontra-se entre nós o sr. João do Brito Cerina, nosso prezado assinante em Lisboa.

Encontra-se a veranejar em Monte Gordo, com sua família, o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. Fernando Teixeira de Azevedo, agente do Banco de Portugal, em Faro.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. Domingos António Afonso, residente em Pereira, Alcoutim, tendo aproveitado a oportunidade para fazer o pagamento da assinatura do nosso jornal.

Já regressou das suas habituais férias no Estrangeiro o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. Carlos de Riobom, distinto escritor e jornalista.

Em gozo de férias, seguiu para Lisboa e Mem Martins, acompanhado de sua esposa, o sr. Alvaro de Lemos, proprietário do nosso colega «Correio do Sul», de Faro.

Acompanhado de sua esposa, sr. D. Maria José de Aragão Teixeira Marrecas, esteve no Algarve, tendo já regressado à sua casa em Beja, o nosso estimado amigo e ilustre colaborador sr. Cândido Augusto da Costa Marrecas, distinto escritor e jornalista, e agente do Banco de Portugal naquela cidade.

Com sua esposa e filho, já regressou a Lisboa o nosso querido amigo e prezado assinante na capital sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

Também regressou a Lisboa, depois de passar algum tempo nesta vila, em gozo de férias, com sua esposa e filhas, o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança, advogado nos auditórios da capital.

Regressou das Caldas de Monchique a Olhão, com sua família, o sr. Tomás da Graça, nosso estimado assinante naquela cidade.

Está passando o Verão em Albufeira, acompanhado de sua família, e nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Luis Bernardino da Silva, distinto clínico em Olhão.

Acompanhado de sua esposa, regressou da Curia a Odemira o nosso ilustre comprovinciano, prezado amigo e distinto colaborador sr. dr. Virgílio Passos, director do Externato Liceal, daquela vila.

Com curta demora, esteve nesta vila o sr. Eduardo José Raposo, digno presidente da Câmara Municipal de Mértola e nosso prezado assinante.

Pedido de casamento

Pela sr. D. Maria Teresa Martins Mendes Furtado e seu marido, sr. José Joaquim Mendes Furtado, industrial, nosso prezado amigo e assinante em Portimão, foi pedida em casamento para seu filho, sr. José Manuel Martins Mendes Furtado, estudante de Medicina, a sr. D. Maria Teresa Coutinho Brás Mira, pretendida filha da sr. D. Maria Coutinho Brás Mira e do sr. José Mira, industrial de cortiças em Alhos Vedros.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A pesca No ano findo, as pescarias da província de Benguela (a zona de pesca de Angola), produziram 12.468 toneladas de peixe seco; 30.516 toneladas de farinha de peixe, e 4.911 toneladas de óleo de peixe.

No total de venda dos produtos da pesca, que ascendeu a 211.245 contos, as conservas figuram apenas com 11.548 contos, ocupando o primeiro lugar a farinha de peixe, com 124 302 contos. As fábricas angolanas interessa pouco o fabrico de conservas. A sua receita substancial provém da farinha, de que foram maiores compradores a Alemanha Ocidental e a América do Norte, seguidas da Holanda e da Bélgica. O óleo foi quase totalmente adquirido pela Alemanha. Em relação ao ano anterior, verifica-se diminuição de fabrico de peixe seco e aumento de produção de farinha (cerca de 9.000 toneladas a mais) e de óleo de peixe (cerca de 1.600 toneladas a mais).

Entre o peixe seco preparado, figuram 322 toneladas de atum grande, 94 toneladas de atum pequeno e 2.039 toneladas de judeu. Mas a maior quantidade forneceu-a o carapau: 6.390 toneladas.

No relatório de que extraímos estes elementos, encontramos as apreciações que passamos a transcrever:

«Nas artes móveis os cheques de campanha são europeus vindos na sua quase totalidade da Metrópole e fazendo-se pagar por esplêndidos preços. Desde mestres a motoristas, com algumas excepções, valem e vencem muito mais do que realmente produzem, e dado que são poucos e absolutamente indispensáveis, são disputados, transitando de firma para firma, ganhando sempre mais a cada deslocação, podendo afirmar-se que a mansidão do mar de Angola foi perturbada por tais elementos difíceis de disciplinar e de saciar, e constituindo eles os únicos factores de turbulência.»

A Câmara de Monchique foi autorizada a lançar UMA DERRAMA

Por despacho do sr. subsecretário de Estado do Orçamento, foi autorizada a Câmara Municipal do concelho de Monchique a lançar uma derrama pela taxa de 12 por cento sobre a verba principal para o Estado, liquidada aos contribuintes das contribuições predial e industrial, imposto profissional (profissões liberais) e imposto sobre a aplicação de capitais (secção A) do mesmo concelho, com isenção dos colectados com quantia igual ou inferior a 100\$, mas apenas para ser cobrada no ano de 1956 e cumulativamente com as contribuições gerais do Estado.

Produção agrícola No ano de 1953 os mais altos rendimentos, por hectares, dos produtos semeados, obtiveram-se nos seguintes concelhos: trigo, Vila do Bispo, 14 quintais; milho, Silves, 56,07 hectolitros; centeio, Albufeira, 4,55 quintais; arroz, Vila do Bispo, 42,56 quintais; aveia, Portimão, 16 hectolitros; cevada, Vila Real de Santo António, 15,24 hectolitros; fava, Vila do Bispo, 20,02 hectolitros; feijão, Albufeira, 11,09 hectolitros; grão de bico, Aljezur, 8,18 hectolitros; batata, Vila Real de Santo António, 147,50 quintais; vinho, Lagoa, 15.207 hectolitros; azeite, Silves, 14,221 hectolitros.

Extracção de cortiça A extracção de cortiça, por concelho, no ano de 1953, foi a seguinte, em toneladas: Albufeira, 40; Aljezur, 321; Alportel, 372; Castro Marim, 2; Faro, 43; Lagoa, 8; Lagos, 382; Loulé, 647; Monchique, 972; Olhão, 6; Portimão, 24; Silves, 709; Tavira, 102 e Vila do Bispo, 146. A extracção total foi de 3.774 toneladas, menos 1.568 toneladas que em 1951, e menos 331 que em 1952. — J. B.

ACIDENTE NO CAIS DE EMBARQUE

Em rectificação da local inserta no nosso número anterior, devemos informar de que não foi no cais internacional que se produziu o acidente que noticiámos, com o menor João Manuel Fernandes Cruz, mas sim no outro cais ao lado daquele, (vulgo «Cais da Rainha») onde também se aglomerava muita gente a assistir aos embarques de pessoal para a festa.

Vem a propósito frisar que, durante os festejos de Aiamonte, nenhum incidente ocorreu nesta fronteira, apesar do número de viajantes exceder todas as previsões e ter posto à prova a eficiência e dedicação dos nossos serviços fronteiriços de Polícia, Alfândega, Guarda Fiscal e Capitania. Estes funcionários merecem os maiores encômios pela maneira como se desempenharam da sua missão, dentro das suas possibilidades, e até excedendo-as, se atendermos aos muitos milhares de pessoas que por aqui transitaram, o que forçou os serviços a um trabalho exaustivo, naqueles cinco dias.

SCOOTERS e MOTOS HEINKEL - Bernardete - Douglas - Express HERCULES - Sun - Sterzi - Monet Goyon MONDIAL-ROYAL ENFIELD - A. J. S. - NORTON B. S. A. - MATCHLESS - TRYUMPH SUMBEAN e VOLOGET Agência Comercial e Marítima do Sul Vila Real de Santo António TELEFONE 76

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

E SE A "SENHORA" COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO FIZESSE ALGUMA COISA?

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

ver quando aparecia algum português. E de vez em quando, entre meia dúzia de franceses e belgas, lá aparecia um da «casa».

A maioria destes turistas, que envergavam roupas levíssimas, eram praticantes do campismo. Ora a nossa mata, o maior perímetro florestal do Algarve, com a superfície de 476 hectares, oferece condições de «camping» como não se encontra outra em Portugal, a não ser na Costa da Caparica, já saturada de tantos campistas e dessa afluência dominical antipática que lhe despeja Lisboa. Por que não se cuida a sério do aproveitamento do riquíssimo pi-

«Notícias do Algarve»

Do sr. prof. dr. Fernando Emygdio da Silva, devotado presidente do Conselho de Administração do Jardim Zoológico de Lisboa, recebemos uma amável carta de agradecimento pelas referências feitas, num dos últimos números deste jornal, aos progressos e melhoramentos registados recentemente no formosíssimo Parque das Laranjeiras e no Zoo lisboeta—e que se devem, principalmente, ao esforço incansável e extrema dedicação do sr. prof. dr. Fernando Emygdio da Silva.

CONTA GOTAS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

caldeirada, raia, tamboril, enguia... Fiquei parada, angustiada, maraviada pela sensação de fome que subia por mim, desde as unhas dos pés. Aquela sensação de estar agarrada à vida, a sensação plena de ser, mas ser fisicamente.

Eles ofereceram. Eu disse que não, muito obrigada. Eles viram os meus olhos como dois pequenos abutres desajeitados, e insistiram. Repeti, mecanicamente, que muito obrigada.

Fizeste mal, Manuela. Estavas entre a tua gente. Era de boa vontade. Comesses. Os pobres não gostam que lhes roubem o pão, mas gostam de reparti-lo. É a tua fome é bem que a sacies, não com o pão dos orgulhosos e dos poderosos, mas com o pão que os pobres, livremente, queiram contigo repartir.

Que as pessoas se devem compreender

Hoje ganhei o dia. Ora escutem. Eu muito bem sentada no eléctrico, e ao meu lado um pescador. Quería que vissem! Só a cara dele era um espectáculo. A boca, os olhos, a face, tudo tinha movimento, um andamento para cada frase. Contou tudo. Que tinha 64 anos. Nunca estivera doente, a água do mar enrija... Andava no mar há 46 anos. Nasceu na Fuzeta. No princípio da sua vida foi carpinteiro naval e ó depois é que se meteu pelo mar dentro, e até hoje. Assistiu ao naufrágio de Paço d'Arcos.

— Eu vi tudo de mãos atadas. Eu, às vezes, quando fecho os olhos, inda é aquilo que vejo. Há coisas que a terra há-de estar a comer os nossos olhos e a gente ainda há-de estar a vê-las. Eu, de olhos esbugalhados. Tanto que a minha prosa, os meus poemas, a minha maneira de dizer e de sentir, têm a aprender com as pessoas simples do nosso povo!

Mais adiante, desceu. Apertámos as mãos longamente, como dois amigos de infância.

— Adeus—exclamou ele—Até um dia.

— Adeus—respondi—Gostei muito de conversar com você.

— Ah, bom!—e sorriu—Parece-me que não disse nada mal dito.

É já na plataforma, erguendo, sentencioso, um dedo caelejado: — A gente deve compreender que as pessoas se devem compreender.

Crítica

Sim, excusas de voltar a cara, de fingir que não percebes. E' contigo que estou a falar. Dizes que és escritor, que és poeta, e convenho que não és destituído de dotes artísticos. Mas que fazes tu para desenvolver esses dotes naturais? Nada, ou quase nada. Sorriste quando te disse que devias trabalhar, ler, ler muito, conhecer os bons poetas, aprender com eles a lição da dignidade e do trabalho. Sorriste como quem diz: «Nasci poeta, nada me resta aprender!» Lastimo-te. De ti, do casulo de onde poderias sair uma ave poderosa, apenas germinará um germe sem forças para chegar ao cimo do muro. Lá acima, onde o Sol, como um igual, nos olha frente a frente.

Maria Manuela Nunes

nhal para a prática do campismo? Os muitos nacionais, estrangeiros que já o frequentam não dispõem do mínimo de comodidades exigidas para o exercício do salutar desporto. Estas comodidades têm que ser muito reduzidas, pois de outro modo o campista, que gosta de viver a vida da Natureza, longe de ruídos e de praxes, afasta-se se lhe estragassem o ambiente calmo que pretende disfrutar.

Como guia, diremos que a Itália, a França e a Espanha, em face desta nova espécie de turismo, estão a preparar apressadamente os parques para a avalanche que se espera no próximo ano. Estes parques, que os espanhóis designam de «reservas», são dotados com água corrente, instalações sanitárias, telefone e um guarda. E é tudo. Ora pode e deve a nossa Comissão de Turismo meter já mãos à obra. Em primeiro lugar convém escolher o sítio mais propício, aí a uns cem ou duzentos metros do mar, pois o campista gosta de se banhar. A água é fácil levá-la, fazendo uma derivação da conduta da estrada da mata; não é incomportável com os recursos da Comissão construir umas instalações sanitárias e também não nos parece difícil instalar uma cabina telefónica, que ficaria na casa do guarda, uma casita campestre à sombra do pinhal. O telefone serviria para os campistas pedirem às mercearias os géneros de que precisassem para a sua alimentação, sem necessidade de saírem do seu ambiente. Da estrada da mata até ao parque seria construída uma estrada ou caminho com alguns recintos para acomodar os automóveis e «roulottes».

E feito isto, pode a sr.ª Comissão Municipal de Turismo dar conhecimento da existência do parque aos Serviços de Turismo do S. N. I., e pode também publicar dois ou três anúncios em jornais franceses e belgas, que não lhe faltarão clientes ao talãozinho de 5\$00 ou 10\$00 semanais que deveria cobrar dos utentes, o que é justo, já que lhes dá água e as comodidades indispensáveis para tranquilamente gozarem os encantos e os benefícios da Natureza.

Estará a senhora Comissão Municipal de Turismo disposta a fazer, neste capítulo, alguma coisa? Porque é uma pena, quase chega a ser desumanidade sonegar um dos mais belos lugares da Natureza a quem gosta e a quem precisa descansar e vitalizar as suas forças para continuar a enfrentar a luta da vida. — B.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. Armando da Silva Francés e Natércio dos Reis Faustino, respectivamente, pelos nossos assinantes srs. dr. António de Sousa Pontes e João dos Reis Faustino. Também nos deu o prazer da sua assinatura o sr. Domingos Neto.

A todos, os nossos agradecimentos.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositária nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República - Telefone 12

Veículos Automóveis

SCANIA VABIS — camião para cargas úteis 8.000 a 12.500 quilos DE SOTO — camião para cargas úteis de 3.000 a 8.000 quilos Forgonetas e Automóveis das marcas DE SOTO, RENAULT e SIMCA Agentes no Setor do Algarve Agência Comercial e Marítima do Sul VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 10 a 16 de Setembro:

Table with columns for boat names (Levante, Leste, Melinde, etc.), destinations, and amounts. Total: 881 365\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 10 a 16 de Setembro:

Table with columns for ship names (COSTEIRO, ZÉ MANEL, etc.), destinations, and amounts. Total: 7.580\$00

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 17 a 23 de Setembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

FALECIMENTO

D. Amélia Borges Teixeira Nas Caldas da Rainha, onde era natural, faleceu em 14 do corrente, com 50 anos de idade, a sr.ª D. Amélia Borges Teixeira, cunhada do sr. dr. Orlando Teixeira, funcionário superior da Delegação Aduaneira desta vila, a quem apresentamos sentidas condolências.

PRÉDIO VENDE-SE Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila. Propostas ao dr. Luis Bernardino da Silva - OLHÃO.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

CARTA DE OLHÃO

UM DOMINGO NA ILHA

Foi a família que me decidiu: havia festa na ilha (tiro aos pratos), e iriam todos até lá. Dei a minha adesão. Sempre era melhor do que passar um domingo estúpido e repetido resguardado em casa ou arrestando os meus ossos pelas ruas desertas adormecidas ao sol de verão.

A viagem, no barco da carreira, foi agradável e despreocupada. Uma infatigável conversa com um velho conhecido de Lisboa apenas interrompida para atender um amigo estudioso sobre a filosofia de Espinosa. Uma aragem afagava-me o rosto; a água passava na minha mão num cumprimento alegre e festivo.

A chegada surpreendi-me: um cais novo esperava-me. Progresso. A areia pareceu-me mais morena e impura. Uma avalanche de recordações assaltou-me. Há quanto tempo eu não ia ali? Fiz as contas e alarmei-me. Seria possível? Desde 1949. Uma eternidade. Suspirei fundo.

Mais progresso: uma estradilha de cimento construiu-se até às vivendas. Formou-se uma caravana. O sol escaldava.

Pouco a pouco, os terraços e as vizinhanças das duas principais vivendas foram-se enchendo. Os atradores chegaram acompanhados das respectivas famílias. Muitos banhistas largaram os seus toldos e apareceram também. Grupinhos de rapariguinhas chilreavam metidas numas calças incríveis «à Silvana».

Corpos em formação, bem ondulados, um tanto provocantes. Sorriu. Juventude precoce que me torna um velho saudosista. Na última vez que aqui vim, algumas só tinham dois palmos de altura. E iam chorar para as saias das mães. Noto também alguns progressos no físico de alguns rapasitos. Ombros largos, corpos bronzeados, saúde a expandir-se por todos os poros. Uma juventude sadia e forte que me encara como uma avis-rara, uma hipótese humana que não chegou bem a definir-se.

O meu amigo S... aproxima-se de mim. Fala da sua nova paixão e das duas tremendas bofetadas que esta lhe deu por detrás de uma duna. Os meus olhos censuram-no. Desculpasse. «Eh pá, ela brincou toda a manhã comigo. Fez-me uma data de judiarias. Quando a apanhei sózinha, dei-lhe um beliscão numa perna. Foi só isto, palavra. Agora estamos sangrados.» Acredito. Dou-lhe vários conselhos inúteis.

O tiroteio começou. Numa varanda, uno-me a um grupo de jovens que seguem, divertidos, o desenrolar do torneio. Infelizmente, o espectáculo começa a entediá-los. Tiram-se várias fotografias. De súbito, um intervalo forçado. Dois vultos aparecem ao longe na zona perigosa. Há brados e gestos enérgicos. Todos olham, curiosos. Quem serão? Vários rostos sorriem. Sorriu também. A Ferreira e a Muda. Algumas raparigas coram, a disfarçar o olhar. Episódio curioso: duas belezas olhanenses de compra e venda a grosso e a retalho, duas moças impudicas e gastas, que toda a vila parece ignorar, têm a ousadia inconsciente de interromper aqueles senhores bem vestidos que se entretêm a desperdiçar dinheiro em pólvora inútil num tiroteio inútil.

Chegou a hora do lanche e do banho da tarde. Muita gente retira-se. O ar marítimo abriu-me o apetite.

Passado, depois, até à costa. Acompanha-me apenas o Jack London, um companheiro admirável. Escondo-me entre duas dunas. O areal deserto. A maré vazia. Mais além, as velas brancas das sacadas que vão para a pesca. Leio algumas linhas.

O sol, lentamente, desce do alto para a linha do horizonte. A areia doura-se e toma tons alaranjados. Oigo vozes. Um grupo juvenil vem a passar. Meia dúzia de moças e um rapazote. Oigo a voz dele com um sotaque forçado de provin-

ciano que esteve na capital! «Oh, isto é de uma monotonia: A esta hora, o Estoril é um deslumbramento!» Não quero ouvir mais. Mas o Jack acalma-me num instante. Ainda bem que ele veio comigo.

Crepúsculo. A areia parece cinza. Vultos sombrios passam por mim. No cais, espera-se o barco a motor. A noite chega. O céu enfeitado com o seu manto habitual de estrelas.

O barco faz a sua última viagem de regresso, completamente cheio de gente. A meu lado, três raparigas de quinze, dezasseis anos, conversam. Uma olha para o céu estrelado e fica admirada. Exclama: «Mas o barco não anda nada! Vejo sempre as estrelas no mesmo lugar...» A vila aparece-me soturna e ensonada. As luzes do cais têm um tom baço e anémico. Sinto uma impressão exquísita ao saltar para terra.

Mais tarde, na Esplanada, vejo o meu amigo S... a dançar calmamente com a sua agressora. Os seus rostos estão impávidos e descontraídos. Afinal, um dos meus conselhos deu resultado.

O domingo acabou. A noite já vai adiantada. Sinto-me um pouco fatigado. Apetecia-me descansar numa duna, as estrelas por teto, a areia por colchão, a brisa por lençol, o mar por ama carinhosa. E como travesseiro, claro, o inconfundível Jack London.

Olhão, 12/9/55.

António Machelra

Imposto de Incêndios

Até 29 do corrente mês, deve efectuar-se na Câmara Municipal o pagamento do imposto para o serviço de incêndios e respectivos juros de mora. Findo este prazo, procede-se ao relaxe.



DESPORTO

FARENSE, 3 - ORIENTAL, 3

O futebol praticado foi bastante modesto

Jogo no Estádio de S. Luís, em Faro, sob a arbitragem do sr. Inocêncio Calabote, da Associação de Futebol de Évora.

Farense: Isaurindo; Reina, Ventura e Alves; Celestino e Bento; Gralho, Bateia, Alfredo, Zuppo e Queimado.

Oriental: Edmundo; Moraes, Luz e Capelo; Fraga e Fernandes; Moreira, Leitão, Albuquerque, Rogério e Almeida.

A partida realizada em S. Luís, num dia de calor intenso, não atingiu boa craveira técnica. Mesmo considerado o facto de a época de futebol estar ainda no início e por isso as equipas se encontrarem em procura de afinação de conjunto, era lícito exigir um pouco mais, tecnicamente, do encontro entre o Farense e Oriental.

Por várias razões, a maior das quais a de se encontrarem duas equipas que na época finda «muito deram que falar» e por isso podiam e deviam possuir alguma personalidade e valor, o imenso público que se deslocou a Faro, com o apetite aguçado pelo defeso, fez naturalmente previsões para um manjar, senão extraordinário, pelo menos razoável.

Afinal, o manjar não chegou a existir, pois o espectáculo, tecnicamente, quedou-se em plano bastante modesto. Muito modesto mesmo, não obstante os motivos que possam invocar-se inerentes a um começo de época, repetimos.

O resultado final não foi surpresa nenhuma para quem esteve em S. Luís, pois é o resultado mais lógico para duas equipas que jogaram pouco futebol... O jogo foi disputado num ritmo de velocidade, entusiasmo, apego à

luta e muita vontade, especialmente da parte dos «alvi-negros», que lutaram do princípio ao fim sem um desfalecimento, sem uma renúncia, sem um cruzar de braços. Só na segunda parte e num período em que perderam uma grande penalidade pois, Alfredo atirou para fora, e depois da obtenção do golo de Rogério, também de penalidade, os locais desmortearam um pouco e os orientalistas poderiam nesse período, se houvesse um pouco de «tacto», realizar um resultado estrondoso. Mas não o realizaram, simplesmente porque confiaram nos 3-1 que tinham a seu favor, e quando havia 25 minutos do segundo tempo, remeteram-se à defensiva, e foi nesse período que o Farense atacou atabalhoadamente, mas perigosamente, e obteve com merecimento dois golos nos últimos cinco minutos. Assim, o resultado final de 3-3 pode-se considerar justo.

As equipas jogaram-se ao ataque nos últimos minutos, mas não alteraram o marcador.

O jogo foi um pouco violento, especialmente da parte dos Farenenses, fazendo a missão do árbitro muito espinhosa. No entanto, o sr. Inocêncio Calabote, com personalidade, acabou o jogo realizando excelente arbitragem.

Não gostámos da equipa do Oriental. A nosso ver, está inferior à época passada, o mesmo acontecendo na equipa do Farense, pois Vinuesa está a fazer muita falta no conjunto de Faro. Todas as jogadas são em força e sem qualquer consciência. O reforço vindo de Espanha, Zuppo, fica aquém de Vinuesa e não mostra nada daquilo de que vinha aureolado.

Do Oriental, gostámos de Rogério

FRAGMENTOS DE VIDAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

quinhão a que julgam ter pleno direito... Mas, quantas decepções nos esperam?!

Se quisermos passar revista, encontramos em todas as mulheres que se distinguiram nas letras dramas íntimos, pungentes, que as marcaram para sempre.

Trago ao palco da vida uma mulher que morreu há muitos anos: Angelina Vidal. Escritora, professora e socialista militante. Fez um casamento de amor.

O seu marido, o doutor Vidal, era um distinto médico naval. A sua farda dava-lhe uma elegância de conquistador. Algum tempo depois de casado, entrou a conquistar raparigas; sua

e Almeida; e no Farense, satisfiz-nos ver jogar o habilidoso Queimado.

CORUCHENSE, 5 - OLHANENSE, 0

O resultado final deste encontro foi um pouco expressivo, pois os olhanenses foram infelizes em alguns lances de golo certo. Deve-se isso à brilhante actuação de Sérgio. No Olhanense, os melhores jogadores foram Morilla, Bernárdez, Ezequiel e Vicente. No Coruchense, Julinho, Veríssimo, Manuel João e Sérgio.

ESTORIL, 4 - PORTIMONENSE, 1

Embora perdendo, a equipa de Portimão realizou brilhante actuação, sendo um 2-1 o resultado mais lógico. Foram bastante infelizes e prejudicados pela arbitragem. No Portimonense, Reis Bezerra e Rueda merecem citação especial. No Estoril, José Maria, Elói e Gonzaga foram os melhores.

Herculano Valente

esposa entrou a conquistar ideias. Caminhavam em campos opostos.

Ele tornou-se o D. João, que o Guerra Junqueiro ferozmente dilacerou, em versos coruscantes. O seu desprante, de súbito, provocou uma tragédia que emocionou Portugal inteiro.

Uma gentil professora de um colégio particular foi seduzida por ele, como homem solteiro e com promessas de casamento.

Um dia, porém, inesperadamente, soube que o seu sedutor era casado. Em um momento de desespero, atirou-se à rua, de um terceiro andar, e veio estatelar-se na calçada com o crâneo fendido... Os jornais de Lisboa pormenorizaram esses amores e não pouparam o salteador da honra dessa infeliz senhora! Tempo depois, ele foi nomeado para acompanhar uma expedição punitiva à Guiné, sob o comando do ilustre oficial Pedro Azevedo Coutinho.

Após várias refregas, uma febre pulastre vitimou o miserável D. João. Angelina Vidal, com o coração a sangrar, atirou-se ao trabalho e à propaganda do bem. Como Luísa Michel, a célebre propagandista francesa, protegia os animais e as crianças desamparadas.

Uma noite, em um bairro pobre da capital, encontrou um rapazinho abandonado. Levou-o para sua casa. Deu-lhe pão e luz para se desenvolver. Deu-lhe também um nome — Hugo Vidal. Apresentava-o como seu filho adoptivo. Cultivou-o e desenvolveu-lhe o gosto pela música.

Este rapaz, mais tarde, foi o maestro Hugo Vidal, compositor e regente de orquestra. E Angelina Vidal? Morreu velha, extenuada e pobre, mas na sua alma de sonhadora um clarão de bondade raiou até ao último sopro de vida.

No seu marido nunca mais ninguém falou — esse reles conquistador de mulheres.

Nela ainda eu falo, os dicionários e outros livros, e uma rua de Lisboa com o seu nome... Trata-se de uma conquistadora de ideias! Natércia Algarve

Foi lançado à água

O Barco-Motor «Guadiana»

Segundo já havíamos noticiado, foi lançado à água, no dia 10 do corrente mês, pelas 9 horas, o barco-motor «Guadiana», pertencente ao importante industrial de Mértola sr. dr. Emygdio Lima. Foi seu construtor o conceituado mestre de carpintaria naval, sr. António Pena, proprietário do plano inclinado desta vila.

É interessante registar que esta nova unidade devia, segundo o contrato, ser entregue no próximo mês de Outubro, tendo o construtor conseguido dá-la pronta antes do estipulado, pela boa organização dos seus serviços, que em escassos 3 meses lançaram ao mar uma embarcação desta natureza, para transporte de passageiros e carga entre esta vila e Mértola.

Assistiram ao acto do lançamento o sr. António Passos de Lima, sua esposa, sr.ª D. Agueda Bravo Sanches Lima, e a filha de ambos, Alice, que foi madrinha do novo barco. Igualmente estava presente toda a tripulação do antigo «Guadiana», bem como muito povo.

Esta nova unidade, que tem 22 metros de comprimento; 6 metros de largura e um pontal de construção de 2,20 m. e 1,50 m. de imersão, será acoplada com um motor de 180 HP, deslocando cerca de 90 toneladas brutas.

No final da cerimónia inaugural, o sr. António Passos de Lima ofereceu um almoço a todos os operários que intervieram na construção e aos tripulantes do novo barco.

ATENÇÃO

No domínio das conquistas que a ciência nos oferece, podemos apresentar uma autêntica vitória.

O centro de Investigação da The British Petroleum Company Limited, permite-nos apresentar em Portugal, como em toda a Europa, uma descoberta sensacional.

BP SPECIAL ENERGOL
'VISCO-STATIC' MOTOR OIL

O automobilista encontrará neste novo óleo lubrificante, à venda em toda a parte, vantagens espectaculares que lhe são descritas na propaganda especial em distribuição.

BP

ÓCULOS
para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:
Agência Comercial e Marítima do Sul
— Telefone 76 —
Vila Real de Santo António

'VISCO-STATIC'
PARA UMA NOVA ERA EM MATERIA DE LUBRIFICAÇÃO

COMPANHIA PORTUGUESA DOS PETRÓLEOS BP

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bom senso, de que é dotada, aia um conhecimento profundo das questões relacionadas com automóveis e camionagem. Possui carta de condução há 24 anos, e o assunto de que estamos a tratar é justamente a sua especialidade. Amavelmente acolhidos, entramos no questionário:

— Acha o sr. Botequilha que as condições de trânsito em Vila Real de Santo António são boas? — Não podem considerar-se boas — respondeu-nos logo.

— Poderia então apontar alguns inconvenientes que tenha observado, como prático nestas coisas? — Por exemplo, a falta de sinalização.

— Deseja fornecer algumas sugestões tendentes à melhoria do trânsito automóvel, na vila e cercanias? — Sim. Efectivamente, começaria por impor a entrada na vila pela direita; instalar a sinalização indicadora da saída da vila, bem como as placas de «trânsito proibido» nas ruas Teófilo Braga e Sousa Martins, para os dois sentidos.

— E quanto a um parque de estacionamento? — adiantámos.

— Isso é caso ainda a estudar, mas admitindo que fosse a Praça Marquês de Pombal, será necessário que os veículos encostem a um só lado da artéria, a dos edifícios, deixando livre a outra faixa de rolagem, em redor da praça, para permitir manobras fáceis. Ora hoje está a fazer-se o contrário, e é claro, os inconvenientes sabem-se...

Agradecemos as informações e fomos ouvir um motorista de viaturas pesadas e de passageiros, o sr. Manuel do Carmo Firmino, que trabalha há 26 anos na empresa que hoje é designada por Rodoviária.

Tendo-lhe explicado o que pretendíamos, disse-nos logo que a condições de trânsito aqui são, como o sabem todos os motoristas, más, sendo o principal inconveniente a falta de sinalização. Ao proseguirmos, desejando saber se tinha sugestões a apresentar, declarou-nos:

— Que houvesse um sentido único de direcção — mas para ser cumprido! —, supressão das transversais, com a devida sinalização de «sentido único» e proibição de acesso à artéria principal.

— E no respeitante a parque de estacionamento? — perguntámos. — É igualmente de toda a conveniência que exista, tanto mais que notámos que variados veículos, das muitas excursões que nos têm visitado, não sabiam onde estacionar, acabando quase sempre por incomodarem os transportes colectivos. Acho que na Avenida da República devia ser destinado um local adequado, com sinalização para tal fim.

Nas mesmas ideias abunda também o motorista de veículos pesados, sr. Joaquim Filipe Miguel (Anica), das Hortas desta freguesia, o qual trabalha por conta de seu pai, possuindo carta de condução há cinco anos. Este senhor diz que deveria haver uma rua para entrada e outra para a saída de veículos da vila, para evitar encontros, e acha também que se impõe a sinalização e um parque de estacionamento.

Faltava-nos ainda auscultar a opinião dum motorista de praça, e por isso aproveitámos o ensejo para abordarmos o sr. Renato Rosado, cuja carta de condutor foi obtida há 24 anos, e que trabalha por conta própria.

— Que nos diz acerca das condições de trânsito em Vila Real? — Que são péssimas. Os principais inconvenientes são o facto de o trânsito ser feito em todos os sentidos, o que produz a contingência de desastres inevitáveis; os outros são: fazer-se o estacionamento de veículos no sentido Nascente-Poente, em virtude de os quarteirões serem curtos, e o flagelo dos ciclistas que, desconhecendo a sinalização, só fazem é dificultar ainda mais o trânsito na vila.

— E de opinião de que deva arranjar-se um local de estacionamento taxativo? — Pois claro. Na Praça Marquês de Pombal, deveria ser sinalizado o local do Parque dos carros de aluguer, proibindo-se o estacionamento, salvo junto à placa central. — E é tudo quanto lhe posso dizer, por agora.

E como estávamos com as mãos na massa, agarrámos pelos cabelos a oportunidade que se nos oferecia com a presença em Vila Real do conhecido e popular guarda-sinalheiro da P. V. T., sr. António Custódio, que a Monte Gordo tinha vindo colaborar na «Lição de Trânsito a sorrir», como orientador desta interessante iniciativa da «Shell» e do «Diário de Notícias». Apanhámo-lo nas «Caves», onde se preparava para seguir com destino à Praia da Rocha, e depois de lhe explicarmos o nosso intento, solicitámos a sua opinião, autorizada como poucas (ou ele não fosse uma verdadeira «autoridade») em matéria de trânsito... Eis o que nos disse o popular agente-sinalheiro:

— Nas poucas horas que tive disponíveis, dei-me conta de que

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O PROBLEMA TURÍSTICO DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

rimo é considerado indústria de rendimento, não só com o estrangeiro mas também com o próprio nacional — e neste caso queremos referir-nos às praias do nosso Algarve, que sofrem com a falta de boas acomodações para os seus habituais frequentadores — Guerra Maio punha o problema em termos de lhe arranjar uma solução relativamente fácil e que era a seguinte:

Supondo que a construção de uma pensão com doze quartos custaria à volta de 500 contos e um hotel de 24 quartos, 500 contos, estas quantias seriam levantadas em empréstimos da Caixa Geral de Depósitos, à taxa legal de 4%.

O Estado concederia um subsídio que seria o equivalente ao valor do mobiliário.

Uma vez o edifício construído, a entidade responsável pô-lo à venda, com base de licitação inferior ao seu custo total — edifício e mobiliário — mas nunca inferior ao preço da construção, pois assim actuaria como subsídio à entidade adquirente. Não aparecendo compradores, o hotel seria alugado a pessoa idónea, em que a renda compreendia a sua amortização, por exemplo, em 20 anos.

A administração destes hotéis ou pensões seria fiscalizada a largos traços pelas autoridades competentes, não esquecendo o pormenor importante do pessoal adestrado convenientemente.

Agora vamos ver os resultados de ordem financeira para solver os compromissos tomados com a construção destes hotéis.

1.º Caso — Pensão de 12 quartos, de custo de construção de 300 contos.

O valor dos 300 contos adicionados aos juros, à taxa legal de 4%, em 20 anos, atingiriam um total de 441 contos, o que daria uma amortização média, anual, de 22.074\$00.

Supondo que a pensão instalada numa praia apenas teria garantidos hóspedes durante os três meses da época balnear, obteríamos 1.080 diárias por ano, o que equivaleria a um custo de uma diária, para amortização do edifício, de 20\$40. Supomos que o excedente até 30\$00 pagaria as despesas de conservação, manutenção do imóvel e dos móveis, assim como o lucro de exploração, que seria acrescido com a exploração do restaurante que lhe ficaria anexo.

2.º Caso — Hotel de 24 quartos, de custo de construção de 600 contos.

Aplicando o mesmo raciocínio do caso anterior, o total de 736 contos, de capital e juros acumulados à taxa de 4%, amortizáveis em 20 anos, determinaria uma amortização média anual de cerca de 37 contos, o que, dividido pelas 2.160 diárias dos 3 meses da época balnear (90 dias x 24 quartos = 2.160), faria com que cada diária custasse, para amortização do edifício, ± 17\$00.

Portanto aqui, melhor ainda, os 30\$00 do custo dum diária neste hotel, de 24 quartos, pagariam as despesas de conservação, manutenção do imóvel e dos móveis e o lucro de exploração, que também seria acrescido com o lucro do restaurante anexo.

Em qualquer dos casos, o pessoal é pago pelas taxas do Serviço próprio.

Quer dizer que nas praias da Rocha e de Monte Gordo e em Monchique, só a época balnear sustentaria um hotel de 1.ª categoria. Nas outras praias, como Quarteira, Albufeira, Armação de Pera, Carvoeiro e Lagos, os hotéis de 2.ª categoria e pensões de 1.ª categoria teriam também assegurada a sua defesa.

O que viria por acréscimo, além dos 90 dias da época balnear, seria a visita ao Algarve na época das amendoeiras floridas, assim como nos meses de Março a Abril, do pleno afolhamento dos seus

a vossa vila é muito bonita e que os problemas de trânsito aqui seriam bem fáceis de resolver, desde que se estabelecessem ruas para trânsito ascendente, outras, descendente, para carros ligeiros, ficando ainda outras vias destinadas a camiões e autocarros de passageiros, sempre em sentido circular.

— E assim tão simples como diz? — Tal qual. Se os meus superiores me autorizassem, eu em 5 dias resolveria inteiramente o problema do trânsito em Vila Real de Santo António. E diga-se, de passagem, teria nisso grande prazer, pois fiquei a gostar muito da vossa terra, onde estimaria voltar para o ano, com mais um pouco de vagar.

E agora, adeus, que tenho de partir para a Rocha...

campos, e por último seria a estância de repouso e cura que representa o clima privilegiado do nosso Algarve — que nunca é demais realçar.

É claro que o ideal seria que uma empresa única explorasse estes hotéis em todo o Algarve, para dar a facilidade aos seus hóspedes de, sem aumento de encargos, escolherem o local mais do seu agrado, como fazem algumas empresas dos hotéis do Estoril com os restaurantes e hotéis de Lisboa. Para tanto, conviria fundar uma sociedade por acções, em que fosse chamado a colaborar o capital, algarvio ou não, que estivesse animado do desejo de bem servir a nossa província. Esta seria uma realização das que costumam vir por acréscimo... Mas, na falta dos capitalistas de espírito arrojado, julgamos que às Juntas ou Comissões Municipais de Turismo está indicado o caminho a seguir:

O Código Administrativo marca, no artigo 771 e seguintes, a actividade financeira das juntas de turismo, dizendo que além do imposto de turismo, que pode ir até 3% sobre todos os rendimentos sujeitos às contribuições predial e industrial do concelho, e que é cobrada como adicional às contribuições do Estado, assim como 3% sobre as rendas das casas arrendadas por períodos inferiores a 6 meses e sobre as contas dos hotéis, pensões, restaurantes, etc., etc., constituem também receitas das mesmas entidades turísticas — «o produto dos empréstimos que a Câmara contraiu com destino à aplicação na zona e para fins de turismo, cautionados pelo rendimento da Junta.»

O que atrás se escreveu foi dito numa conferência na Casa do Algarve, pelo presidente da sua Comissão de Turismo, sr. H. Neves Franco.

Tempos depois, em 25 de Dezembro de 1954, publicou-se a Lei n.º 2.075 em que o Governo da Nação deu inteira satisfação às aspirações de ordem geral, vindas de vários sectores da opinião pública e até dos próprios deputados, em sessões da Assembleia Nacional.

O artigo 15.º da citada Lei n.º 2.075, informa que o Estado, os Municípios e as Juntas de Turismo, poderão compartilhar pelo Fundo de Turismo, com os órgãos locais de turismo ou com as empresas privadas, em trabalhos de construção, ampliação ou adaptação de edifícios ou parte deles, e seu apetrechamento, com destino a estabelecimentos hoteleiros ou similares, previamente classificados de utilidade turística, ou que, sob parecer dos serviços de turismo, vierem a sê-lo em resultado dos trabalhos a executar.

Uma vez satisfeitas determinadas condições técnico-económicas e jurídicas sob parecer favorável dos serviços do turismo, a comparticipação dos subsídios poderá ir até 50% do custo total das obras e do apetrechamento do hotel ou pensão.

A comparticipação concedida à iniciativa privada não vence juro e será reembolsada em 20 prestações anuais de igual valor, a partir do 6.º ano de exploração, sendo a respectiva responsabilidade cautionada por qualquer forma admitida em direito.

Além do auxílio constituído por esta comparticipação, que, como já se disse, vai até 50% do valor do imóvel e dos móveis, e não paga juros, o Fundo de Desemprego poderá prestar os auxílios que, nos precisos termos da sua legislação, poderá conceder aos estabelecimentos de iniciativa oficial — não podendo, em caso algum, acumular-se à comparticipação concedida pelo Fundo de Turismo.

Isto quer dizer que o não pagamento de juros de metade do valor dos móveis e imóveis de uma instalação hoteleira e o auxílio do Fundo de Desemprego podem ultrapassar o valor do mobiliário e utensílios a que nos referimos, nos cálculos acima citados, como sendo a comparticipação do Estado no fomento do turismo.

Deste modo, os benefícios da Lei n.º 2.075 conduzem a um preço de hospedagem na pensão ou hotel de 12 e 24 quartos, nunca superior ao de 30\$00/dia, o que é perfeitamente comportável para uma grande maioria dos que querem gozar as suas férias, sem o incómodo de terem de transportar a cidade ou vila os utensílios domésticos, necessários quando se aluga casa.

Por isso, é cada vez menor o número dos que constroem moradias à beira-mar para delas se utilizarem apenas durante 3 meses no ano, derivado também do empate de capital a que obriga a sua construção.

Vida Literária

POR JOÃO A. MENDES LEAL

PERDOA, PEDRO — Romance de José de V. e Sá
«Livraria Clássica Editora» — Lisboa

CADA uma destas linhas traduz a minha maneira de pensar, sem hipocrisias (que tu detestas!), sem fingimentos, com alguma crueza, talvez, mas sem querer ser destrutiva. Será, como mo pedias na tua dedicatória, uma crítica objectiva.

Lamento que tenhas escrito aquele prólogo! Se desejavas prestar uma justa homenagem a teu Pai, teria sido preferível que lhe tivesses oferecido a tua obra em duas ou três linhas, apenas. Não há nada como a simplicidade! Além disso, tu laboras num erro. A Literatura, a Pintura e todas as outras manifestações artísticas a que a Humanidade se tem votado, em séculos e séculos de existência, demonstram, com uma precisão algébrica, que o provérbio «filho de peixe sabe nadar» é realmente verdadeiro... no que respeita aos peixes. Com isto quero eu significar que o talento literário não se herda e não se transmite de geração em geração. Felizmente... Essas coisas, meu caro José, não precisam de explicação nem de antecedentes! Nascem, espontaneamente, como os cogumelos na Primavera, sem raízes no Passado e sem deixarem, regra geral, sementes para o Futuro.

A moderna estética literária permite a um Autor que ele tire, da repetição de termos ou de expressões, feitos plásticos muito apreciáveis que, na maioria dos casos, têm por fim reforçar determinadas ideias, acentuando-as no espírito do leitor. Infelizmente, no teu romance, não é isto que se passa. A repetição é, muito simplesmente, um erro de gramática. A «senhora marquesa» aparece sete vezes repetida. Numa só página escreves quatro vezes

Dadas as facilidades de deslocação moderna, procuram os que trabalham activamente durante o ano passar as suas férias em locais diferentes, pois assim têm possibilidade de melhor conhecer o País nos seus diversos aspectos e encantos naturais.

Para servir este desejo, usa-se a construção dos chamados Albergues, no género dos pavilhões mandados edificar pela F. N. A. T., mas onde se encontra um pouco mais de conforto do que naqueles pavilhões, o que se consegue com a instalação dos apartamentos de 1 ou 2 quartos e respectivas instalações sanitárias, que são utilizadas somente por uma família.

As refeições são servidas no restaurante do albergue ou onde o veraneante mais lhe apeteça.

E com esta modalidade, entramos já no capítulo do Turismo Social, explorado com tanto êxito pela F. N. A. T., que até já tem um carácter internacional pelo intercâmbio que a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho estabeleceu com a sua congénere espanhola.

Antes de terminar, não podemos deixar de fazer um apelo veemente a todos os verdadeiros regionalistas, na definição do poeta nacionalista António Correia de Oliveira, ao escrever: «e Portugal será fecundo e belo...».

Uma premissa desde já pomos: não vá cada um, com todos os seus sonhos, alterar os planos de urbanização que os arquitectos idealizaram e as instâncias superiores aprovaram, para não transformar o que em conjunto pode vir a ser uma bela obra, numa imperfeição estética.

Sendo a construção de hotéis e pensões no Algarve a primeira pedra onde deve assentar o edifício do turismo, como indústria de rendimento nacional, demonstrámos que é uma boa aplicação de capital a construção dos imóveis e aquisição dos móveis, assim como a sua exploração nacional e metódica.

É preciso que o industrial algarvio, que só nas conservas de peixe recolhe os lucros dum exportação média anual superior a 300 mil contos, e o lavrador e industrial de cortiças, dono dum grande parte da exportação desta riqueza da nossa agricultura que subiu já a mais de 1.400 mil contos no ano findo, e que foi o primeiro valor da balança comercial de exportação — se debruçam sobre as necessidades turísticas das praias e terras em que passaram a sua mocidade. «Torne fecunda e bela cada qual — a terra em que nasceu — e Portugal será fecundo e belo...».

A. S. P.

a palavra «boca». E, para só mencionar mais um exemplo, num espaço de mais adamente curto, empregas as expressões «senhor director» e «senhor ministro», nada menos do que onze vezes. Onze vezes! Deves admitir que neste ritmo não é possível construir frases que sejam agradáveis ao ouvido ou à leitura. O pecado é ainda mais grave quando resvalas para os lugares comuns. Exemplo: «brinde da natureza», «lindos olhos castanho-esverdeados», «formas estonteantes», etc. Certas imagens, meu caro Vasconcelos e Sá, só foram boas na primeira vez em que foram empregadas. E o caso de todo este período: «Pedro enlaçou a num terno olhar e logo desviou a vista, assestando-a num vago ponto da imensidade que se estendia à sua frente, como um lençol multicolor, como algo incandescente e que reflectia os raios solares, convidando os acalorados passeantes a um mergulho na amenidade do seu seio.»

Criaste, meu bom amigo, um romance em que todas as personagens que nele intervêm são superiores à maioria dos vulgares mortais. Não concordas? Afirma que a Maria José é «diferente», pelo menos duas vezes, com uma página de intervalo. Acontece o mesmo com a Teresa. Do Pedro nem vale a pena falarmos. Eu contei, no mínimo, dez afirmações desse tipo a seu respeito! E demasiado. Mas, como se isso não fosse ainda bastante para o ridicularizares, combinaste na sua personalidade indefinida e mal caracterizada, os predicados dum Adónis, dum Hércules e dum Casanova. Ninguém lhe resiste! Três minutos depois de ter sido apresentado pela senhora marquesa X (aproveito para te assinalar que esta designação é anacrónica e fora de uso!), a Isabel é beijada por Pedro e, duas páginas mais adiante, o mesmo sucede à Lili. Com a Teresa passa-se idêntico fenómeno, e a Maria José acaba por se apaixonar por ele violentamente. Não sei se terá escapado alguma!

Os bons escritores, meu caro José, não têm necessidade de «explicarem» as suas personagens. São elas que se definem, pela forma como agem, pelo que dizem, pelo que sentem e através da sua movimentação ao longo do romance em que intervêm. O teu Pedro não tem consistência, não tem verdade humana e não tem coerência. Canstaste-te a dizer-nos como ele era («braços atléticos», «traços nobres», «cabelo ondulado», «olhos belos, castanho-esverdeados», etc.) e acabaste por desenhar um fantoche desarticulado, sem vida, vazio de interesse, petulante e vaidoso, que não sabe o que quer e nem sequer sabe o que é. A hipocrisia da sociedade, a que tu e eu pertencemos, parece ser a preocupação dominante que te orienta. Revoltas-te contra ela, quase nos mesmos termos, em nove (!) ocasiões diversas.

Vou ainda chamar a tua atenção para um pormenor da personalidade (?) do Pedro. Ele é católico. Afirma-lo meia dúzia de vezes. Como podes então pôr na sua boca frases como esta: «... se acaso o meu físico não chegar, as pistolas não se fiam para outra coisa, sendo para abater os imbecis que são perniciosos à vida humana!»? E, quase no fim do romance, ele volta a insistir: «... percorreu Lisboa, armado com uma pistola, procurando Alfredo», porque queria «... ser justiceiro, limpando assim a sociedade de tão abjecto ser humano».

Página 150. Pedro diz, dirigindo-se a Alfredo: «... não te compares comigo genealógicamente. Quanto ao sangue estás a léguas de distância de qualquer título nobilitar e portanto não admira que os teus sentimentos sejam obscuros e pouco limpos». Esta afirmação é criminosa. É falsa, hipócrita e imperdoável. Ela é largamente suficiente para fazer do Pedro um sujeito desprezível, ridículo e indigno daquela superioridade que tanto trabalho tiveste a repetir. Tudo o que escreveste antes, os erros de gramática, as faltas de português, as imagens gastas pelo uso de todos os dias, as repetições constantes, os pleonasmos e as cacofonias, tudo isso é infinitesimal ao lado do amontoado de falsidades e de conceitos absurdos e mal digeridos.

APRECIAÇÃO LITERÁRIA

«Terra a Terra» — Sob este título despretencioso, saiu dos pelos da Coimbra Editora um volume de contos da autoria da sr.ª D. Judite Bordalo Machado, que faz, assim, cremos, a sua entrada neste ingrato mundo das letras. Não será uma entrada triunfal, hemos de convir, mas parece-nos que pisou a soleira com o pé direito. Efectivamente, os seus contos lêem-se sem custo e conquanto não se surpreendam neles grandes rasgos de originalidade, há um flagrante sentimento de humanidade e de ternura que é agradável assinalar. O conto «Gratidão» vale todo o livro. Pode ele não corresponder à realidade, mas do que não há dúvida é de que estereotipa a vida fatigante, a condição de escravo, do infeliz homem que obteve de uma Faculdade de Medicina o diploma de médico e que se escravizou à sua profissão, nimbando-a da bondade e da humildade de um sacerdote. A autora deve estar neste particular bem documentada, porque é casada com um médico.

Fazemos menção especial a este conto, sem qualquer intuito de minimizar as restantes produções; apenas esta, pela sua invulgaridade, nos impressionou mais. Quanto à factura técnica, nada há a dizer: a prosa é simples e cuidada, e não se nos deparam as redundâncias pretenciosas e impertinentes a que recorrem certos produtores de segunda linha. Resumindo-se: uma estreia simpática e duas horas de leitura agradável. — J. B.

Dr.ª MARIA LUÍSA DE MATOS

Foi nomeada, por escolha, directora da Secção Feminina do Liceu de Évora, a professora efectiva mais moderna daquele estabelecimento de ensino, sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Augusto de Matos, nossa estimada compatriota e assinante, filha do também nosso assinante e prezado amigo sr. Joaquim Augusto e esposa do sr. José Rodrigues de Matos.

Visado pela Comissão de Censura

dos que se ocultam naquela infeliz frase.

Valeu a pena teres escrito este romance? Não! Sinceramente, não valeu. Tens estof de escritor? «Perdoa, Pedro» não o deixa adivinhar. Permites um conselho? A tua vida, a minha, a de quase toda a gente, não tem nada que valha a pena ser contado. Todos somos vulgares, todos amámos, todos sofremos, todos vivemos namoros e paixões, todos tivemos ou temos ainda, sonhos e ilusões. Não olhes para dentro. Gera uma personagem que não seja um espelho da tua própria existência. Folhetins já há muitos! Não tenhas pressa em publicar livros. A literatura não é uma corrida de velocidade. O melhor não é, regra geral, o mais rápido.

Noícias do Estrangeiro

«A Senha é: Coragem» é o título do livro de John Castle que depois de ter conhecido um belo êxito em Inglaterra, acaba de ser traduzido para francês. John Castle é o pseudónimo de dois escritores, Ronald Payne e John Sanod, de trinta e dois anos de idade, cada um deles, e que, tendo conhecido nos bancos da escola, trabalham em conjunto e assinam com o mesmo nome.

O livro de Jacques Villeminot, «Boomerang», acaba de ser lido com o Prémio da Sociedade dos Exploradores, para 1955.

A grande amizade, ou as relações obscuras, que ligaram os destinos de Clara Schumam e Brahms, são o objecto dum volume da autoria de Margarida e João Alley, que apareceu recentemente nas livrarias de França.

Traduzido do alemão, surge no mercado de França um livro intitulado «O Sol Dançou Sobre Fátima», que tem como cenário a pequena aldeia portuguesa, e como tema os acontecimentos fantásticos de que foram testemunhas os três pequenos pastores, Lúcia, Jacinta e Francisco. O autor de mais este volume consagrado à fé de Fátima é Alma Holgersen.

Continua o grande sucesso da obra de K. W. Kenyon intitulada «Incomparável Josefina». É o romance fabuloso da mulher do Imperador Napoleão, transposto para francês, numa edição luxuosa de René Julliard.